

REVISTA NJINGA & SEPÉ

O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultolinguística nos nomes próprios

Kialunda Sozinho Kialanda

Universidade Estadual Feira de Santana

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7807-7708>

RESUMO

Essa pesquisa almeja analisar o significado dos nomes no povo bakongo e a relação destes com suas tradições. Usando o método bibliográfico e analisando um corpus selecionado da cultura bakongo, pudemos perceber como os nomes carregam a identidade dos membros da comunidade. Da pesquisa se conclui que existem dois tipos de nomes: o oficial e o tradicional. Em kikongo o primeiro nome, dado por ocasião do nascimento, é escolhido de acordo com as circunstâncias ou com o momento em que se nasce. O nome tradicional é utilizado na evocação dos antepassados. Aliás, em alguns grupos sociais são os antepassados que atribuem nomes aos vivos; o contato entre os vivos e os mortos é feito por meio de adivinhadores, curandeiros ou profetas (pela mediunidade). Dentro da etnia, o indivíduo é reconhecido pelas autoridades sobrenaturais por meio do nome tradicional que, por vezes, é mantido em segredo entre os anciãos e membros mais influentes do grupo. O segundo nome muitas vezes homenageia alguém importante, como um benfeitor, padrinho, padre, pastor ou é o nome de um avô, avó ou parente do pai. Alguns desses nomes, que indicam a ordem dos iniciados numa classe de idade, continuam a existir (como Mbala, Kiala, Lukoki). Esses dados mostram que os nomes de montanhas se ligam aos significados atribuídos pelo povo. Em muitos momentos não existe uma tradução literal, pois os nomes carregam uma identidade cultural inexistente na cultura europeia de onde o português se originou. o nome da criança recém-nascida pode ser atribuído ao lugar aonde o pai se encontrava em tal ocasião, ou onde o nascimento ocorreu. Os nomes de regiões ou povos são tirados de nomes de feitiços célebres, das condições topográficas, etc. Isso significa que o meio ambiente é relevante para a atribuição do nome.

PALAVRAS-CHAVE

Povo Kikongo; Bakongo; Nome; Cultolinguística

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2023), Licenciado em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês (BA). Foi Professor Voluntário no curso de Extensão do Projeto "Diálogos entre línguas e culturas africanas e afro-brasileiras no Campus dos malês". Foi Professor Voluntário do Curso de "Língua Portuguesa para Estrangeiros PréPEC-G/UNILAB-Campus dos Malês". É Professor de línguas Bantu/Kongo, Língua Kikongo, Língua Lingala.

Para citar este Resumo (ABNT): KIALANDA, Kialunda Sozinho. O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultolinguística nos nomes próprios. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 470, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo>

Para citar este Resumo (APA):Kialanda, Kialunda Sozinho. (ago. 2024). O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultolinguística nos nomes próprios. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 470. (ISSN: 2764-1244). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=XNUoMHzqolo>



**SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DA REVISTA NJINGA
& SEPÉ: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA
TOPONOMIA E ANTROPONOMIA**

O KIKONGO E A CULTURA DO POVO BAKONGO: A CULTOLINGUÍSTICA NOS NOMES PRÓPRIOS

Prof. Msc. Kialunda Sozinho Kialanda

(Universidade Estadual Feira de Santana - Brasil)

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa almeja analisar o significado dos nomes no povo Bakongo e a relação destes com suas tradições.

O povo bakongo habita numa larga faixa ao longo da costa atlântica de África, desde o sul do Gabão até às províncias do Zaire e do Uíge, passando pela República Democrática do Congo, pela enclave de Cabinda.

METODOLOGIA

Usando o método bibliográfico analisou-se e discutiu-se a relevância dos nomes para a identidade do membro da comunidade.

O nome carrega uma identidade e por essa razão não é atribuído aleatoriamente. Em kikonngo por exemplo, os nomes são caracterizados pela particularidade de formarem o plural no seu começo, sendo invariável a terminação dos mesmos. A essa parte inicial dos nomes, ou melhor, à parte designativa de singular ou plural, costumam os gramáticos chamar de prefixos (TAVARES, 1915, p.8) Por isso, os nomes de classe I se comportarão da seguinte forma: muntu (pessoa) e antu (pessoas); muana (menino, menina, filho, filha) e ana (meninos, meninas, filhos, filhas); mpangi (irmão mais velho, irmão mais velha) e ampangi (irmãos mais velhos ou irmãs mais velhas).

CONCLUSÃO

Da pesquisa se conclui que existem dois tipos de nomes: oficial e tradicional. O 1º nome, em kikongo, dado por ocasião do nascimento é escolhido de acordo com as circunstâncias ligadas ao nascimento ou ao momento em que nasce. De forma geral, o nome é o começo de um provérbio que faz referência a este acontecimento (exemplos: Manuel, Paulo).

O segundo nome muitas vezes homenageia alguém importante, um benfeitor, padrinho, padre, pastor ou é o nome de um avô, avó ou parente do pai. Alguns destes nomes, que indicam a ordem dos iniciados numa classe de idade, continuam a existir (como Mbala, Kiala, Lukoki).

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a UNILAB e a Revista Njinga & Sepé.

Ntondele (Kikongo) Obrigado (Português)

REFERÊNCIAS

ABDULA, R. A. M.; TIMBANE, A. A.; QUEBI, D. O. As políticas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. RILP. Lisboa, IV Série, n.31, p.21-44, 2017.

ANGOLA. Manual de alfabetização em língua kikongo. Luanda: Ministério da Educação, 2008. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002426/242662POR.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

BERNARDO, E.P.J. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. RILP. Lisboa, IV série, n.32, p.37-52, 2017.

COBE, F.N. Novo dicionário português-kikongo. Luanda: Mayamba, 2010.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CZOPEK, N. Lá porqué você fala uma língua nacional, não é mais angolano do que eu: algumas observações sobre a realidade linguística de Angola. Romanica Cracoviensia. Universidade Jagellónica de Cracóvia. v.11, p.83-89, 2012.

DODÃO, B. M. V. Análise descritiva dos antropónimos da língua kikongo. 81p. Dissertação. Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017.

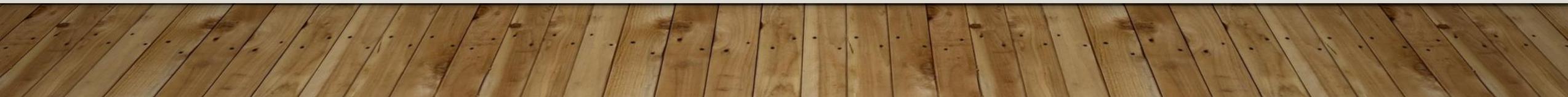
GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). História geral da África: metodologia e pré-história da África. v.I. Brasília: UNESCO, 2010. p.317-326.

KRAMSCH, C. Language and culture. London: OUP, 2014.

MAHO, J.A. Classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system. in: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (Ed.). The Bantu languages. Londres: Nova Iorque: Routledge, 2003, p.639-650.

NDOMBELE, E. D. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. RILP, Lisboa, VI Série, n.31, p.69-88, 2017.

NGUNGA, A. Introdução à linguística bantu. 2.ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2015. PETTER, M. (Org.). Introdução à linguística africana. São Paulo: Contexto, 2015.



TAVARES, J. L. Gramática da língua do Congo (kikongo): dialeto kisolongo.
Looada: Imprensa Nacional de Angola, 1915.

TIMBANE, A. A. Marcas de identidade cultural e linguísticas moçambicanas no filme “virgem Margarida”, de Licínio Azevedo. Língua e Literatura. v.18, nº32, p.64-87, dez. 2016.